

O problema da verdade na filosofia e na religião como sistemas metafísicos

The problem of truth in philosophy and religion as metaphysical systems

Pedro Damasceno Uchôas¹

Resumo: Arthur Schopenhauer admite no segundo volume de *O mundo como vontade e como representação* um ponto de partida comum entre as teorias metafísicas elaboradas como filosofia e como religião. Todavia, como critério distintivo, enuncia a justificação de cada um dos sistemas (um interno, que toma por verdadeira a coerência das asserções e outro externo, que tem por base a revelação) e a descrição do mundo da experiência. Em outras palavras, a filosofia define um sistema metafísico coerente capaz de descrever imediatamente o mundo sem quaisquer frases simbólicas ou parábolas, e a religião uma explicação simbólica, *sensu allegorico*, do que o mundo é, de sua índole e essência. Esse artigo tem como objetivo principal a aproximação entre filosofia e religião através de sua origem comum na filosofia de Schopenhauer.

Palavras-chave: Schopenhauer; filosofia; religião.

Abstract: Arthur Schopenhauer presents in the second volume of *The world as will and representation* a common starting point between philosophy and religion as metaphysical systems. However, as a distinctive trait, he understands the justification of each one of them in a different way (one internal, which treats as truth criteria the coherence of their assertions, and one which has revelation as truth) and the description of the experienced world. In another words, philosophy is the term which define a metaphysical system capable of describing immediately the world without simboical phrases or parables, and religion a simbolic way, *sensu allegorico*, to describe what the world is, your character and essence. This paper has as main goal the approximation between philosophy and religion through its common origin in Schopenhauer's theory.

Keywords: Schopenhauer; philosophy; religion.

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Mestrando pelo programa de pós-graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora com financiamento da UFJF. Contato: pedruchoas@gmail.com

Introdução

O tema da religião é amplamente abordado por Arthur Schopenhauer ao longo de sua obra como um todo. Há alguns textos que se ocupam estritamente deste debate, sobretudo ao que cabe a leituras de religiões orientais elaboradas pelo autor na última parte de *O mundo como vontade e como representação* (Cf. *O mundo como vontade e como representação: alcançando o conhecimento de si, afirmação ou negação da Vontade de vida*), no capítulo *Sinologia* (Cf. *On the will in nature: sinology*) e nos parágrafos §174 a §182 de *Parerga and paralipomena*. Todavia, a abordagem feita aqui neste artigo tem como foco principal não a abordagem específica do autor acerca das religiões orientais ou ocidentais, nem mais especificamente do cristianismo, mas sim a investigação da raiz comum entre a filosofia e a religião. Schopenhauer desenvolve uma teoria acerca do nascimento da filosofia e da religião que imputa a elas uma origem comum, um ponto de partida único para ambas. Porém, cada uma possui um modo de ser pensada e um critério para ser verdadeira. Dessa maneira, filosofia e religião são construídas pela humanidade sobre o mesmo problema, todavia de maneiras diferentes. A diferença entre esses dois modos de consideração e as aproximações são o objeto desse trabalho. O que, por conseguinte, torna filosofia e religião saberes tão diferentes se na raiz ambos são idênticos? Ou ainda, o que faz de uma filosofia verdadeira ou não, de uma religião verdadeira ou não? Como se estruturam esses dois sistemas de pensamento enquanto sistemas metafísicos? Através da reconstrução dos argumentos do autor pretende-se elucidar tais questões e apresentar um panorama da abordagem da filosofia e da religião como sistemas humanos, frutos de uma necessidade metafísica inerente a cada um, produto de sua natureza, da expressão da Vontade de vida em um determinado grau. Através disso, portanto, dá-se uma explicação mais ampla à religião não como uma ou outra diversa, como cristianismo, budismo ou judaísmo, mas como consequência de uma necessidade humana, de uma resposta a uma questão inerente ao homem, o grau de objetivação da Vontade no qual a natureza chega à intelecção, espanta-se consigo mesma e com suas criações, justamente naquela única criatura capaz de espantar-se, capaz de pensamento (Cf. SCHOPENHAUER, 2015, p. 195).

Racionalidade e o estatuto enigmático do mundo como representação, filosofia e religião

O principal ponto de partida para os sistemas metafísicos (aqui admitidos filosofia e religião como sistemas metafísicos) é o que o autor denomina "o enigma do mundo", também compreendido como a impossibilidade de esclarecimento de algumas questões que para o ser humano permanecem questões centrais. Sem o estatuto enigmático do mundo, sem que fosse

necessário elaborar uma explicação ampla e esclarecedora do mundo, não haveria qualquer sistema ou conjunto de pensamentos que pretendesse ir para além da experiência e buscar uma justificativa ou explanação geral do problema da experiência ou do mal (duas das questões criadoras do estatuto enigmático do mundo). Em alguns trechos esse estatuto do qual parte qualquer sistema é trazido à luz e explicado melhor, segundo o que o autor torna explícito quais enigmas põem-se diante do homem e permitem-no desenvolver uma tentativa de decifração. Em primeiro lugar, para que algo seja um enigma é preciso que haja pensamento acerca do mundo, portanto, um ser capaz de elaborar pensamentos, juízos, e que possa ter o mundo como algo a ser compreendido, que seja capaz de formular, de pensar uma questão. Apenas sob a forma do pensamento é que um ser pode espantar-se com a natureza, da qual é parte, e perguntar sobre aquilo que ela mesma é (Cf. SCHOPENHAUER, 2015, p. 195). Apenas no desafio da compreensão, no pôr-se frente a uma dificuldade, surge um enigma. Propriamente falando, um enigma é uma dificuldade de compreensão, é algo que não pode ser explicado como um dado, mas que está escondido e que precisa ser decifrado. A filosofia de Schopenhauer tem como tema central o movimento de "decifração do mundo". O que esse caráter propriamente é deixa-se enunciar pelo espanto em relação ao mundo e pelo contato com ele de maneira a tornar o "universal da aparência um problema nosso" (SCHOPENHAUER, 2015, p. 196), ou seja, da experiência como um todo uma questão. Esse enigma, portanto, pode ser compreendido de maneira geral como a colocação da questão acerca da essência do mundo como aparência. Aparência, nesse sentido, compreendida como representação, fenômeno condicionado a espaço, tempo e causalidade. A natureza problemática da representação deve-se à divisão feita entre coisa-em-si e fenômeno, o que é compreendido como uma verdade inegável e certa (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43), como a forma geral da experiência. Porém, se cada um é capaz de reconhecer a si como o sujeito da representação, aquele para quem o mundo existe, "torna-se-lhe claro e certo que não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre apenas um olho que vê um sol, uma mão que toca uma terra" (SCHOPENHAUER, 2005, p. 43). Desse modo, na individualidade de cada um é assumido um mundo como inteiramente intuitivo (intuição de quem intui), ou seja, intuição para si mesmo. Por isso, o mundo permanece essencialmente como algo não dado imediatamente, num primeiro momento, mas dado simplesmente apenas como representação, como mundo condicionado. O que há de real por detrás dessa aparência condicionada pelo sujeito de intuição, o que é isso que se expõe e aparece nela e como se expõe é o objeto principal da investigação filosófica. Porém, não é esse o único aparecimento do caráter enigmático do mundo. Ele aparece também na abertura do segundo livro do primeiro volume

de *O mundo como vontade e como representação*, ao propor o conhecimento da coisa-em-si através do conhecimento da "significação" das representações empíricas (SCHOPENHAUER, 2005, p. 155), e em *Sobre a necessidade metafísica do ser humano* como a tentativa de compreender a experiência e o mundo através de seu caráter enigmático e da única abertura ao seu conhecimento íntimo, a vontade. A coerência dessa decifração apenas se confirma pela sua identificação na experiência mesma, na observação do mundo e no encontro da teoria filosófica ou do sistema metafísico no mundo em seu funcionamento. Para que um sistema metafísico seja verdadeiro ou não, é preciso que seus juízos estejam em relação com os acontecimentos do mundo e possam dizê-los de maneira adequada: o que é dito em um sistema precisa ser encontrado no mundo. Diz o autor:

O todo da experiência assemelha-se a um escrito cifrado, e a filosofia à decifração deste, cuja exatidão é confirmada pela coerência resultante que aparece em toda parte. Se esse todo apenas é apreendido em profundidade suficiente e a experiência externa é conectada à interna; então ele pode ser objeto de interpretação, exegese, a partir de si mesmo. [...] Tão somente a interpretação e exegese desta, em referência àquele seu núcleo íntimo, pode nos dar esclarecimento sobre ela, o qual do contrário jamais chegaria à consciência. É nesse sentido, portanto, que a metafísica vai mais além da aparência, isto é, da natureza, até aquilo escondido atrás dela (τό μετά τό φύσιχον), considerando-o, entretanto, sempre apenas como aquilo que nela aparece, e não como algo independente de toda aparência: a metafísica, conseqüentemente, permanece imanente e jamais será transcendente. Pois ela jamais se afasta por completo da experiência, mas permanece a simples interpretação desta, já que nada fala da coisa em si senão em sua referência à aparência. (SCHOPENHAUER, 2015, pp. 221-223)

Todavia, antes de ter como objeto principal de investigação a verdade ou não de um sistema, é preciso direcionar a atenção para os modos como o mundo se apresenta como um enigma e quais aqueles mais relevantes para a filosofia e para a religião. Apesar de não ser totalmente explícito quais os pontos principais para a filosofia e quais para a religião, Schopenhauer deixa claro em trechos diversos quais são as múltiplas experiências através das quais o mundo se torna enigmático (uma questão a ser investigada), sem distinguir entre os mais fundamentais para a filosofia e os mais fundamentais para a religião. Todavia, é possível perceber em textos diferentes a relevância dada a cada exposição do "enigma do mundo". Em *O mundo... tomo I* o tema aparece no segundo livro, intitulado "A objetivação da vontade". Em toda a parte que antecedia esse segundo livro (a primeira parte "A representação submetida ao princípio de razão...") o mundo é tratado apenas do ponto de vista da representação. E, neste sentido, ele é sempre aparência, tal como descrito nos parágrafos anteriores. Por isso, ele porta um caráter sempre unilateral: como um condicionado pelo sujeito, como o dado da experiência em sua relação de condicionamento: objeto de

representação, sujeito de conhecimento. Aquilo que aparece permanece fora da discussão principal, e é admitida pelo autor como unilateral, anunciada "a cada um pela resistência interior com a qual aceita o mundo como sua mera representação" (SCHOPENHAUER, 2005, p. 44). Portanto, é na resistência de cada um desses sujeitos de representação, já na individualidade de cada ser que representa e tem consciência de seu condicionamento, que um "outro lado do mundo" (Cf. SCHOPENHAUER, 2005, p. 45) é inserido na discussão. No tratamento dessa primeira parte o autor discute a experiência do mundo segundo esse único aspecto da representação. Todavia, se todo objeto é tratado como condicionado ao sujeito e externo a ele, segundo o que se diferencia como objeto externo e extenso, até mesmo o corpo do indivíduo é também assumido unicamente como representação. Apenas na abertura do segundo livro é que o corpo é compreendido como a chave para a compreensão do mundo, de acordo com o que há um tipo especial de representação, aquela que o indivíduo conhece de maneira dupla: como representação, objeto extenso, coisa entre coisas, e, ao mesmo, como a expressão de sua vontade, como a vontade que se tornou objeto físico. Apenas no corpo, portanto, é que é dado ao indivíduo um duplo conhecimento, o acesso aos "dois lados" da realidade, ao essencial de cada movimento físico e à intuição física de si mesmo como um corpo no mundo. Nesse sentido, por conseguinte, o enigma do mundo é colocado como a questão acerca da forma da totalidade da representação. Seria a representação a única realidade, a aparência condicionada que nada de real admite? É o mundo unicamente representação de um sujeito, objeto para o conhecimento intuitivo? Diz Schopenhauer: "Perguntamos se este mundo não é nada além de representação, caso em que teria de desfilar diante de nós como um sonho inessencial ou um fantasma vaporoso, sem merecer nossa atenção." (SCHOPENHAUER, 2005, p. 155). Se o corpo é a expressão objetiva de cada vontade individual e se torna movimento quando entra nas formas de condicionamento do mundo empírico, a vontade é experienciada como aquilo que está por detrás de cada movimento, tornando-se objeto na medida em que entra no condicionamento das formas universais da experiência. Caso contrário, os movimentos e ações de um indivíduo "seriam tão estranhos e incompreendidos quanto as mudanças de todos os outros objetos intuitivos se a *significação* deles não lhe fosse decifrada de um modo inteiramente diferente." (SCHOPENHAUER, 2005, p. 156). Portanto, nesse primeiro caso, o enigma do mundo pode ser compreendido como o enigma da unilateralidade da experiência intuitiva, do condicionamento do mundo ao sujeito e a pergunta no interior do indivíduo acerca da existência do mundo como inessencial e condicionado. Disso deriva a investigação de uma experiência mais imediata capaz de oferecer uma "chave", de uma resposta para esse enigma.

O corpo, conceito fundamental, intermedia a relação entre a experiência interna, a vontade interior, e a experiência externa, o movimento, a ação. Nessa passagem não há qualquer referência à religião, ou à raiz comum entre filosofia e religião. Mas somente um enigma da experiência, nascido, sobretudo, devido a dois fatores: o prévio reconhecimento na consciência de seu condicionamento do mundo e, por conseguinte, da divisão entre representação (o mundo conhecido) e coisa-em-si (a realidade por trás da representação, o real que se expressa no condicionado, aquilo que aparece quando condicionado pelas formas da intuição). Por isso, esse enigma cabe unicamente à solução dada pela filosofia, de acordo com o que ela fornece um sistema de juízos que, partindo do problema da universalidade da experiência do mundo como representação, encontra o essencial da realidade no mundo mesmo. Encerrada nos limites da experiência e do conhecimento, seu conceito de metafísica pretende preservar a limitação do conhecimento da experiência, diz Jair Barboza acerca da discussão: "se a metafísica vai mais além da aparência, isto é, mais além da natureza, e, contudo, no sentido de ir até aquilo escondido atrás dela mesma natureza. Mas esse escondido sempre se manifesta de algum modo, por conseguinte não é extra-mundano." (BARBOZA, 2016, p. 78).

Um outro sentido para a noção de enigma aparece justamente nos textos "Sobre a necessidade metafísica do ser humano" e "Sobre a morte e a indestrutibilidade do nosso ser em si", no segundo volume de *O mundo...* onde é exposta a origem comum entre a metafísica tanto como filosofia quanto como religião. Aqui a noção é mais abrangente que no primeiro caso. O enigma não nasce unicamente da indagação acerca da realidade das representações para além do condicionamento das formas do conhecimento do sujeito, e do próprio corpo como um objeto, mas da vida compartilhada por todos os indivíduos como finita, frágil, entregue ao sofrimento injustificado, à expiação, à não realização de felicidade plena alguma, ao desejo constante e ininterrupto por aquilo que não pode ser completado, ou plenamente satisfeito. O enigma, aqui, é o enigma de uma existência que não se justifica, de uma vida que, quando posta diante do pensamento, quando analisada, deveria ser de outra maneira para se realizar. Porém, não há uma distinção mais uma vez entre o caráter enigmático mais propenso à filosofia ou à religião, ambos os tipos de sistemas metafísicos são abordados como soluções para as questões da finitude e da ausência de justificativa para o sofrimento. Nesse sentido, um sistema metafísico, diante da certeza assustadora da morte e do espanto em relação à condição humana, busca esclarecer e elucidar a natureza dessas manifestações, "para fornecer um clareamento sobre aquilo através do que, em um ou outro sentido, estaríamos

condicionados" (SCHOPENHAUER, 2015, p. 200)². É, portanto, no fazer do universal do mais comum da vida um problema, como a finitude, que os sistemas metafísicos tem seu início enquanto a tentativa de compreensão do mundo "mais além da possibilidade da experiência" (SCHOPENHAUER, 2015, p. 200) com o intuito de lançar uma luz, "para falar em termos populares, sobre aquilo que se esconde atrás da natureza e a torna possível" (SCHOPENHAUER, 2015, p. 200). Schopenhauer ilustra a questão acerca da finitude em um contraexemplo: "Se a nossa vida fosse sem fim e sem sofrimento, talvez a ninguém ocorresse perguntar por que o mundo existe e por que tem precisamente essa índole, porém, tudo se entenderia por si mesmo." (SCHOPENHAUER, 2015, p. 197). Acerca disso comenta Max Horkheimer no texto "O pensamento de Schopenhauer em relação à ciência e à religião", de acordo com a ideia de que em um mundo que tenha na sua própria constituição o fim de cada indivíduo nele dado, todo "sofrimento inocente, triunfo do mal, todo horror de milênios não são recompensados, assim, em nenhuma eternidade" (HORKHEIMER, 2008, p. 117). Como a questão acerca da finitude e do funcionamento do mundo apenas pode surgir com a certeza da morte e a experiência temporal do indivíduo, sem eles todo o mundo se explicaria por si mesmo, teria em si mesmo o seu esclarecimento e a sua justificativa. Em um mundo onde não há finitude não é possível surgir a questão acerca do por que os seres terem inevitavelmente um fim, ou como o sofrimento de uma vida pode ser justificado no período de uma existência curta. Um mundo de infinitudes, por exemplo, rechaçaria a possibilidade de qualquer indagação filosófica que tivesse por base a reflexão acerca do término e do condicionamento temporal de todos os indivíduos. Portanto, o início de um sistema metafísico, da tentativa de compreensão mais profunda do mundo, tem em seu ponto de partida a condição na qual é colocado o ser humano, a vida mesma. Filosofia e religião passam a ser diferenciadas aqui, apesar do ponto de partida comum. Ambos são sistemas metafísicos, são as tentativas de clareamento do enigma na figura de duas tentativas diversas.

Se a origem da filosofia e da religião é dita comum, como no caso da reflexão acima, sua diferença reside na maneira como o enigma é clareado, no modo como o filósofo pretende

² No texto recentemente traduzido "Schopenhauer e a religião", Paul Deussen apresenta a ideia de que a noção schopenhaueriana do mundo em "desordem", da citada incompreensão do sofrimento do mundo e da expiação, também é a intuição primeira do Novo Testamento, o que, segundo o autor, configura-se como uma aproximação de Schopenhauer ao cristianismo. Nesse sentido, o cristianismo teria como saída da condição dada ao ser humano a salvação, enquanto em Schopenhauer não há uma saída a não ser a conduta ascética, e, em menor proporção, a contemplação artística. Diz Deussen: "Que o mundo inteiro jaz em desordem (*im Argen*), e que necessitamos de uma salvação (*Erlösung*) dele é, como todos sabem, a intuição básica não só de nosso Schopenhauer, mas já muito antes dele, do Novo Testamento. A diferença é que este pensamento eterno, enquanto o núcleo do último, apresenta-se revestido por uma casca muito bruta (*sehr dicken*) e condicionado pela dependência do Antigo Testamento e por outros acidentes históricos." (DEUSSEN, 2013, p. 133).

resolvê-lo ou fornecer uma explicação para ele. Como já elucidado, a filosofia lida antes da religião com o enigma da realidade do mundo como representação e se utiliza do corpo como um ponto de partida para a sua solução. A filosofia, diferentemente da religião, tem como base de sua justificação, de sua capacidade de descrever o mundo, razões e pensamentos coerentes, o que o autor chama de "certificação interior a si". A certificação interior a si é a certificação de um sistema, sua coerência e fundamentação, através do interior do sistema mesmo e da reflexão do indivíduo que a vive ou a cunhou. Para este, esse tipo de metafísica não pode ter uma autoridade, como na religião, e tem sua validade em si mesma, *sensu stricto et proprio* (SCHOPENHAUER, 2015, p. 200). Por isso, ela é o homem se deparando com um sistema, pondo sob raciocínio e experiência um conjunto de asserções, um modo de raciocinar e exigem "reflexão, formação, esforço e juízo", ela é uma metafísica racional. Poucos, diz Schopenhauer, seriam capazes de ter para si esse tipo de metafísica, tornando-a muito mais rara do que a do segundo tipo, muito difundida em relação a primeira, a religião (SCHOPENHAUER, 2015, p. 201). Na religião o que ocorre é diverso: ao invés desse tipo de metafísica ter sua certificação interior a si, ela a tem exterior a si. O que isso quer dizer? Isso quer dizer que ao contrário da metafísica do primeiro tipo ela não tem sua validade e justificação atribuída aos raciocínios e ao juízo do próprio indivíduo que a ela se submeteu, mas sim segundo a autoridade da revelação, do dado da suposta manifestação divina, da crença nessa manifestação que certifica a existência de um ou mais deuses. Através de alegorias e meios próprios de exposição, a religião tem em algo outro que não a razão e os juízos a validade e propriedade da crença. O meio pelo qual a verdade é comunicada ao indivíduo é o contato com a propriedade que o outro tem por tratar dos temas e compreendê-los e a revelação, experiência documentada através de signos e de milagres. Sem a necessidade de razões, a religião é alegórica e simbólica, tendo sempre em seu meio de expressar o recurso a signos religiosos e a descrições da revelação. Três outros aspectos diferenciam a religião dos sistemas metafísicos filosóficos. O primeiro é a maneira como são propagados e ensinados os sistemas religiosos. Segundo Schopenhauer, eles exercem um domínio muito profundo sobre todo o povo, na medida em que são aplicados, pregados e ensinados desde a infância das pessoas, o que funda nelas uma espécie de "segundo intelecto"³ (SCHOPENHAUER, 2015, p. 201), a saber, um modo de pensar próprio à religião inscrito nos seres humanos. Uma vez que a necessidade metafísica é compartilhada de modo

³ "A sua mais firme garantia de uma posse duradoura das cabeças é-lhes assegurada pela inestimável prerrogativa que têm de serem ensinados às crianças, com o que os seus dogmas florescem como uma espécie de segundo intelecto inato, igual às ramas enxertadas de uma árvore [...]". (SCHOPENHAUER, 2015, P. 201).

geral, uma religião pode muito bem se espalhar rapidamente e ter sucesso, sobretudo no sentido de oferecer um tipo alegórico de expressão do enigma do mundo e da vida, tendo-se como base a crença. O segundo é a maneira como acontecem os conflitos entre religiões. Na filosofia os conflitos ocorrem com escritos e, no máximo, ofensas, porém em se tratando das religiões os conflitos são estendidos até mesmo a guerras com armas e disputas de terras. Talvez até mesmo assim, ilustra Schopenhauer, as religiões tenham conquistado espaço umas sobre as outras, elaborando uma divisão dos povos por religiões, mais forte que a divisão por nacionalidades. O terceiro e último aspecto é que a filosofia, pela maneira como é constituída, tem que ter sua verdade comunicada sempre em *sensu proprio*, com razões expostas e aparentes, e encadeamentos inteligíveis a qualquer pessoa de pensamento que procure compreendê-la, a saber, em si mesma tem sua expressão e sua verdade, na exposição de si ela apresenta sua verdade; ao contrário, na religião a verdade apenas é expressa em *sensu allegorico*, sem que seja preciso compreender esse tipo de metafísica, sobretudo no caso do povo, por si mesma, ou através do que ela mesma diz em sua totalidade, mas apenas através de alegorias, sempre como algo que não se encerra em si, mas indica outro algo, tal como na poesia alegórica (Cf. Schopenhauer, primeiro tomo de *O mundo como vontade e como representação*, livro terceiro). Como são as religiões erigidas de acordo com a capacidade de compreensão de um povo, podendo ser mais ou menos complexas. Nesse sentido, elas não são pensadas com rigor tal como uma filosofia pode e deve ser, mas são construídas e pensadas como um modo alegórico de se dizer uma verdade acerca do mundo. Devido ao seu caráter alegórico, ela sempre indica para esta verdade, não tendo em si mesma a verdade inscrita, mas naquilo para o que apontam suas alegorias. Saber se uma religião é melhor ou pior é saber o quanto de verdade ela pode indicar com suas alegorias. Caso o autor pudesse dar destaque a alguma delas pela majoritária verdade que indica, de acordo com sua filosofia, essa religião seria o buddhismo, segundo o que, pela sua interpretação, ela tem como principal em si o "conhecimento da nulidade da felicidade terrena, o completo desprezo da mesma e a viragem para um tipo de existência totalmente diferente e até oposta" (SCHOPENHAUER, 2015, p. 532-533), o conhecimento da natureza do mundo e a assunção da necessidade de uma vida de negação da Vontade, no que se inscrevem o celibato, a renúncia e a abnegação (SCHOPENHAUER, 2015, p. 732). A verdade mediata da religião citada sob a metáfora da impressão é tida como uma verdade que se expõe não por si mesma e de maneira inteligível para o pensamento, mas somente simbólica, e aparece na medida em que foi construída para esse fim.

Como os sistemas metafísicos do primeiro tipo [os sistemas filosóficos] exigem reflexão, formação, esforço e juízo para o reconhecimento da sua certificação, só podem ser acessíveis a um reduzidíssimo número de pessoas, bem como só podem originar-se e conservar-se num grau expressivo de civilização. Por outro lado, para a grande maioria das pessoas, dotada da capacidade não de pensar, mas só de acreditar, e é receptiva não às razões mas apenas à autoridade, existem exclusivamente os sistemas do segundo tipo: estes podem, por conseguinte, ser denominados metafísica popular, em analogia a poesia popular e a sabedoria popular, sob as quais entendem-se os provérbios." (SCHOPENHAUER, 2015, p. 200).

Conclusão

Portanto, Schopenhauer elabora uma aproximação entre filosofia e religião no que cabe a origem comum entre ambas: o enigma do mundo e da existência. Num primeiro caso, o enigma do mundo é correlato ao enigma da representação, do mundo da experiência (o qual se dirige sobretudo à filosofia como solução) e em um segundo ele é propriamente dizendo o enigma do mundo e da vida, o espanto diante da condição humana da finitude e do sofrimento, do mal injustificado, do sofrimento sem recompensa alguma. Nesse sentido, por conseguinte, cada sistema metafísico tem em si uma explicação mais ou menos verdadeira do mundo, é mais válido ou não na medida em que corresponde ao mundo experienciado. Uma filosofia deve ser a explicação mais imediata, coerente e racional desse funcionamento, utilizando-se da coerência entre seus juízos e deste com o mundo, de acordo com o que adquire seu valor. Uma religião deve ser a exposição do mundo em alegorias, mediatamente, e apresentar um panorama da vida e do mundo, fornecer para seu enigma uma leitura, uma solução. Sua correspondência com este mesmo mundo é, portanto, sempre mediado pela alegoria e pela imagem, segundo o que ela contém mais ou menos verdade, mais ou menos adequação. Uma religião otimista tem dificuldades e obstáculos por não descrever o mundo tal como é dado, uma religião pessimista tem, nesse aspecto vantagens sobre ela, contém em si mais verdade. Diz o autor:

Eu não posso, como geralmente é feito, estabelecer a diferença fundamental entre todas as religiões pelo fato de serem ou monoteístas, politeístas, panteístas ou ateístas; mas apenas pelo fato de serem otimistas ou pessimistas, isto é, se expõem a existência deste mundo como justificada por si mesma, portanto, a louvam e celebram, ou a consideram como algo que só pode ser concebido como a sequência da nossa culpa e, por conseguinte, em verdade não deveria ser, na medida em que reconhecem que dor e morte não podem fazer na ordem eterna, originária e imutável das coisas, não podem fazer naquilo que deve ser em todos os sentidos. (SCHOPENHAUER, 2015, p. 207).

De acordo com isso, portanto, uma religião conseqüente e verdadeira traz consigo uma explicação do mundo cuja perspectiva deve ser, para que seja também mais verdadeira, pessimista, correlata à vida e ao mundo experienciado. Uma religião que tenha em si a noção de um mundo bom,

ou criado à melhor maneira possível tem sempre que se confrontar com problemas insolúveis, tal como o problema do mal e da vida após a morte. Problemas com os quais uma filosofia que se pretenda otimista também deve enfrentar sem qualquer solução eficaz.

Ao fim, toda religião e filosofia que se pretenda verdadeira tem diante de si o enigma do mundo como problema e apenas com ele tem a ver sua empreitada, apenas sobre ele diz sua solução. O critério de veracidade, identificado como a adequação de um sistema ao funcionamento do mundo dado, funciona de maneira parecida para os dois tipos de sistemas metafísicos, tendo apenas em sua aplicação uma diferença. Uma religião, nesse sentido, não pode nunca ser literalmente verdadeira (JANAWAY, 2017, p. 352), tendo sua verdade na compreensão de suas alegorias e metáforas, seus deuses e entidades supra-sensíveis como verdades mediatas. Já a filosofia, diferentemente, "é essencialmente sabedoria de mundo; seu problema é o mundo: tão somente com este tem a ver e deixa os deuses em paz, esperando, todavia, que, em contrapartida, eles também a deixem em paz." (SCHOPENHAUER, 2015, p. 228).

Referências

BARBOZA, J. *Metafísica e imanência em Schopenhauer com um olhar especial para Nietzsche*. Revista *Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*, V. 7, 2016, pp. 74-83.

DEUSSEN, P. *Schopenhauer e a religião*. Tradução de Guilherme Marconi Germer, *Revista Voluntas.*, V. 4, 2013, pp. 131-138.

HORKHEIMER, M. *O pensamento de Schopenhauer em relação à ciência e à religião*. Tradução de Flamarion Caldeira Ramos. *Cadernos de filosofia alemã*, São Paulo, nº 12, 2008, pp. 115-128.

JANAWAY, C. *Schopenhauer's christian perspectives*. In.: SHAPSHAY, S. *The palgrave Schopenhauer handbook*. Ellensburg: Palgrave Macmillan, 2017, pp. 351- 372.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação, tomo I*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. *O mundo como vontade e como representação, tomo II*. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2015.